

Cinco anos de pesquisa em Comunicação e Cultura de Minorias¹

Raquel Paiva²

RESUMO

A proposta do trabalho é realizar um registro das pesquisas em torno da temática da comunicação e cultura de minorias nos últimos cinco anos, tomando como ponto de referência os trabalhos enviados e aceitos no Núcleo de Pesquisa da Intercom. O trabalho propõe-se ainda a resgatar a conceituação basilar em torno do tema central, reinterpretando o conceito de minorias, e avaliar sua aplicação na atualidade a partir do que nomeamos por “minorias flutuantes”. O resgate geral da temática por meio dos trabalhos propostos pretende dar margem a uma reflexão sobre a pesquisa propiciada pelo Núcleo com enfoque nos Encontros Intercom de 2001,2002,2003,2004 e 2005.

COMUNICAÇÃO - MINORIAS - CONTRA-HEGEMONIA

Num esforço de reflexão sobre o conceito de minorias, no encontro do Núcleo, em 2002, Muniz Sodré arrolou uma série de características básicas para uma minoria. Em primeiro lugar está a *vulnerabilidade jurídico-social*, considerando-se que o grupo dito minoritário não é institucionalizado pelas regras do ordenamento jurídico-social vigente. É, assim, “vulnerável”, diante da legitimidade institucional e diante das políticas públicas. Onde, sua luta por uma voz, isto é, pelo reconhecimento societário de seu discurso. Em segundo lugar, a *identidade in statu nascendi*, porque do ponto de vista de sua identificação social, a minoria apresenta-se sempre in na condição de uma entidade em formação e que se alimenta da força e do ânimo dos estados nascentes. Mesmo quando já existe há muito tempo, a minoria vive desse eterno recomeço.

Outra característica é a *luta contra-hegemônica*, pois uma minoria luta pela redução do poder hegemônico, embora em princípio sem objetivo de tomada do poder pelas armas. Nas tecnodemocracias ocidentais, a mídia é um dos principais “territórios” dessa luta. Há inclusive o risco de que as ações minoritárias possam ser empreendidas apenas em função

¹ -trabalho para o NP 13

² -professora da ECO-UFRJ, pesquisadora do CNPq, escritora .

de sua repercussão midiática, o que de algum modo esvaziaria a possível ação no nível das instituições da sociedade global. E finalmente, as *estratégias discursivas*, considerando-se que as estratégias de discurso e de ações demonstrativas (passeatas, invasões episódicas, gestos simbólicos, manifestos, revistas, jornais, programas de televisão, campanhas pela internet) são os principais recursos de luta atualmente.³

Estas definições permearam todas as discussões realizadas pelo NP durante estes cinco últimos anos e estão presentes também no esforço da formulação da produção das cinco Linhas de Pesquisa, definidos no encontro de 2002, em Salvador, apesar de esboçado em 2001, no Encontro do Mato Grosso. As Linhas foram estabelecidas com os seguintes eixos:

1. Estratégias discursivas e modos de construção da identidade minoritária — produção de texto escrito e imagens, com o objetivo de uma tomada de posição grupal no embate contra-hegemônico, desde a mídia tradicional até a Internet.
2. Ação comunitária: modos de organização social e política dos grupos minoritários – as diferentes organizações populares e comunitárias, incentivadoras de novas formas de política ou de valores éticos.
3. Mídia e imagem de minoria: modos de representação do Outro – análise dos diferentes modos de representação da alteridade na mídia.
4. Configurações contemporâneas da minoria: raças, etnias, culturas, gêneros, deficientes físicos e mentais, infância – estudo de discriminação social no tocante à minorias. Emergência de categorias minoritárias.
5. Por uma teoria das minorias : aspectos conceituais e metodológicos dos estudos de minorias – desenvolvimento de hipóteses ao estudos de minorias – desenvolvimento de hipóteses para o estudo contra-hegemônico.

Registraram-se, ao longo de cinco anos – incluindo 2005 – cerca de 200 trabalhos apresentados e considerados como referência para o estudo da interface entre minorias e estratégias comunicacionais. Em 2001, os trabalhos já se dividiam nas seções temáticas que compõem o Núcleo, com uma concentração significativa nos trabalhos que tratavam a questão identitária e étnica. Os trabalhos de gênero também estavam

³ - SODRÉ, Muniz. Texto disponível em manuscrito e no prelo na coletânea a ser lançada pela Paulus, em setembro de 2005.

representados e já se constituíam como uma das temáticas de maior ocorrência. A questão religiosa despontava naquele ano como uma temática merecedora da opinião. Além disso, houve alguns trabalhos sobre infância e adolescência.

O Encontro de 2002 foi marcado pela tentativa de taxionomia de trabalhos em busca de uma forma de nivelamento, de maneira a propiciar um maior diálogo entre as temáticas, mas também destinado a consolidar um centro efetivo de pesquisa na área, destinado a agregar as iniciativas que surgissem e se inscrevessem a cada ano. As temáticas continuavam fincadas nas seções temáticas do NP, e nesse ano a grande ênfase recaiu sobre os trabalhos relativos à etnia, que iam desde a identidade de grupos negros de Natal, até a presença de grupos étnicos na tevê mato-grossense, relação do áudio-visual com a memória indígena, cultura nordestina, etc. Em segundo lugar, apareciam as questões e gênero, com estudos bastante consolidados, especialmente na linha da recepção. E continuavam, ainda tímidos, mas com seu lugar definido, os trabalhos que tematizavam a infância e adolescência. Não é possível deixar computar também as abordagens sobre a temática religiosa.

A idéia da divisão por grupos que funcionassem paralelamente foi importante porque propiciou o acolhimento de um número maior de projetos. Entretanto, é forçoso reconhecer que terminou por produzir uma certa dispersão, já que havia pouco diálogo entre os grupos. Esta foi a razão que levou em 2003 a uma redução de três para dois grupos de trabalho. Os grupos não eram formados com base em sua proposta temática, e sim a por sua maior coesão junto às cinco linhas de pesquisa vigentes no Núcleo. 2003 foi efetivamente o ano em que houve um *boom* das pesquisas sobre adolescentes, jovens e sobre sua cultura, em especial os gêneros musicais, e mais diretamente sobre o *hip hop*. Não só o número de trabalhos foi significativo, como a audiência para este tema se mostrou intensa e participativa. Ainda assim, pôde-se constatar uma maior concentração dos trabalhos de gênero, seguidos ainda pelos trabalhos com enfoque na etnia.

É importante frisar que toda a abordagem do NP, ainda que visivelmente concentrada nas seções temáticas de minorias de gênero, infância e adolescência, religiosas, étnicas, sempre contou com um significativo esforço por parte dos pesquisadores no sentido de refletir sobre a propriedade da conceituação em torno da proposta dos estudos de minorias e, principalmente sua adaptabilidade e pertinência à

atualidade.

Esta, aliás, foi uma das primeiras contribuições que trouxemos para o NP, ao propormos o trabalho intitulado *^Minorias flutuantes^*. Neste trabalho, partiu-se do conceito qualitativo de minoria como uma *posição* (ao invés da entificação quantitativa e substancialista de um grupo humano) marcada no interior do campo de luta pela hegemonia, isto é, pela dominação consensual. Considerou-se que as identificações nomeadas como “mulheres”, “negros”, etc, são minorias na medida em que *emergem* contra-hegemônicamente e, retomando uma expressão foucaultiana, fazem “ressurgir o acontecimento” no que ele pode ter de único e agudo. Conceituou-se então minorias flutuantes como sendo são aquelas surgidas no âmbito de um novo ativismo social, caracterizado pela associação entre comunidades efêmeras e o ciberespaço. A proposta concentrava-se ainda na análise da presença dessas minorias na cena brasileira recente.

Entretanto, é necessário recordar que alguns outros textos, trazidos por diferentes pesquisadores aportaram com propostas de discussão nuclear da temática e alguns deles, exatamente por este papel questionador e propositivo, passaram a circular entre os membros do NP e a serem assumidos como textos fundadores para o novo cenário da discussão sobre a interface entre ação e cultura de minorias e suas estratégias comunicativas. Foram muitos os trabalhos que trouxeram estudos de casos, mapearam o estado da área e se afinaram com as temáticas mais novas surgidas no Brasil ou no exterior. Vale observar aqui que um diferencial bastante constitutivo do padrão Intercom é o seu aspecto inclusivo e o fato de abarcar pesquisadores de todo o Brasil, mas também do exterior, em especial dos países do Mercosul e de Portugal.

A fixação na proposta conceitual foi efetivamente um dos nortes que balizaram o NP nestes cinco anos, antes preocupado basicamente com a proliferação temática, como se fosse possível encontrar em todas as proposições o mesmo eixo definidor do que constitui um grupo minoritário, seu papel e sua ação. É de fato impossível realizar a consolidação conceitual sem inseri-la na compreensão da situação vigente no país e na estrutura global atual, onde o Estado se apartou do seu papel de zelador do pacto social, implementando uma política darwinista, cujo modelo predominante possui é de perfil bastante seletivo e excludente.

Neste cenário, entender e vislumbrar o lugar dos estudos que tratassem da

busca de postulados ou que mapeassem esforços e questionamentos contra-hegemônicos foi um objetivo que sem dúvida o NP conseguiu atingir. Os trabalhos aprovados e encontrados nos cadernos de resumos e nos cds são a expressão da concretização desta busca. Os poucos recusados ao longo destes cinco anos foram efetivamente trabalhos que não realizavam qualquer conexão com esta proposta central do NP ou ainda com as seções temáticas.

A grande dificuldade foi atrelar sistematicamente os trabalhos às linhas de pesquisa. Não que eles estivesse desconectados das linhas propostas, mas o objetivo de que já viessem com o novo lastro teórico não foi plenamente alcançado, apesar de a cada encontro, em especial no último dia de congresso, na reunião de avaliação, este resgate e esforço de enquadramento ter sempre sido realizado.

Pode-se hoje afirmar que a pesquisa centrada nos estudos de minorias e estratégias comunicacionais representa um dos mais necessários empenhos do trabalho investigativo. Ainda que não se pretenda menosprezar as outras temáticas em vigor, é impossível não reconhecer que os estudos de minorias constituem um campo de estudo obrigatório. No caso brasileiro, além das questões de gênero, com as quais esbarramos diariamente, temos os deficientes, a infância, os grupos religiosos e étnicos, que são tratados de maneira discriminatória sem que, contudo se tenha, a nível da sociedade civil, conseguido perscrutar de fato esses agenciamentos.

As narrativas hegemônicas são tratadas de maneira que sejam todos os casos reconhecidos como de absoluta normalidade. Por exemplo, basta observar a cobertura de qualquer dos grandes jornais ou emissoras de tv, no final do mês de maio, da *Parada Gay* de São Paulo. Todos abordaram o lado festivo do evento, o número de participantes, as presenças conhecidas, os *shows*, mas afinal, nenhum sequer apontava as reivindicações ou questionava o caráter político do evento. E mesmo o jornal A Folha de São Paulo, reconhecidamente um dos jornais de maior postura crítica do país, se recusou a esta abordagem. Sob o questionamento do seu ombudsman, o editor revelou que efetivamente a editoria deu prioridade à cobertura factual do evento.⁴

O que se questiona é a banalização das narrativas a partir do entendimento do significado e da aplicação social do conceito de hegemonia. É de fato possível a compreensão das formas reguladoras de forças coercitivas e de estruturas de dependência,

⁴ -Jornal Folha de São Paulo, 5 de junho de 2005

para além da explicação reducionista da predominância de uma estrutura social apenas pela determinante econômica. A idéia gramsciana de hegemonia permite vislumbrar a coexistência de outras determinantes como a cultura, a produção da fantasia, a arte, a religião, a filosofia e a ciência que se articulam junto à política e a economia para a produção de um pensamento determinante e dominante.

Assim, a partir da idéia do padrão hegemônico e da forma determinante, aporta-se nos diversos outros esquemas possíveis que subsistem como sistemas minoritários, formas menores, produções desimportantes, diferentes e, conseqüentemente, sem maior referencialidade na estrutura social. O surgimento dessas forças diversas como sistemas dominados possibilita historicamente a previsão de pequenas disputas e lutas. Estas formas tenderiam ao enfrentamento com a força dominante e poderiam, na fricção das disputas, empreender conquistas e vitórias. A luta social das diferentes configurações existentes permitiria vislumbrar sociedades mais justas no sentido da inclusão de fatores heterogêneos.

O lugar da mídia

Entretanto, trabalhar apenas com esta perspectiva na atualidade significa desconhecer a entrada em vigor de outras ordens capazes de produzir um novo ambiente. Dentre as características da atualidade, a existência da mídia tem sido a variável que mais influencia a estrutura social de maneira definitiva. Alguns teóricos já conseguem definir a contemporaneidade a partir da estrutura midiática, na medida em que as outras mediações tradicionais – como família, escola, Estado, religião e trabalho – não podem mais ser analisadas e interpretadas em separado, como se estivessem suspensas e não fossem a todo instante atravessadas de maneira radical pela mídia.

Lançar mão dessa compreensão significa rever os usos e o lugar da mídia na atualidade bem como se aproximar dos motivos que determinam a conceituação da sociedade contemporânea como mediatizada. Isto significa, portanto, reconhecer que todas as atividades e relações, mesmo aquelas que historicamente definiam a existência do indivíduo, como a personalidade, o trabalho, a educação, a política ou a religião, são modificadas pela estrutura midiática.

Por estrutura da mídia compreende-se o esquema de produção e representação comprometido com as forças ordenadoras do mercado, também

excessivamente comprometido com a *estetização* da vida, desprovido de qualquer intenção de modificação da situação atual, além de ser o responsável direto pelo incentivo e geração do consumo. Para compreender o conceito da mídia, é preciso ir além da idéia de que se trata apenas das redes de emissoras de televisão, ou das emissoras de rádio ou ainda dos jornais. Mídia é o conjunto de todos estes aparatos e a capacidade de gerar uma super estrutura, cujo papel tem sido o de definir de maneira totalizante o cotidiano. Essa capacidade representa um momento único na história da humanidade, porque nem as religiões, nem a política, nem qualquer outro sistema responsável pela normatização das relações sociais conseguiu atingir um espectro tão amplo de atuação e tão eficazmente determinar a conduta padronizada de toda uma sociedade, ou seja, atuando no âmbito que engloba desde as definições morais, passando pela formação cognitiva, até a maneira de viver e conviver das diferentes populações.

Neste sentido, é preciso destacar que, no montante total dos trabalhos apresentados, a abordagem da mídia sempre se concretizou como um demarcação. Ou os trabalhos se propunham a realizar uma interpretação do discurso midiático, das narrativas da mídia sobre os grupos minoritários ou se detinham na proposta afirmativa de trazer exemplos concretos de discursos contra-hegemônicos montados pelos grupos minoritários. Esta estratégia de enfoque e interrelacionamento vigoroso com a mídia é exatamente o que tem distinguido os trabalhos apresentados no NP, assim como sua preocupação maior: a interface entre os grupos minoritários e a mídia, a comunicação, as estratégias discursivas.

Exatamente com este propósito, o nosso texto de inauguração na coordenação trazia como investigação a busca de reconhecimento do perfil de atuação dos grupos minoritários no ambiente de absoluta densificação midiática, caracterizado por Muniz Sodré como uma nova forma de vida, o bios-midiático⁵. Neste sentido, o texto já apontava na direção do que alguns movimentos caracterizavam como uma espécie de “tanto uma de militância organizacional e partidária ativa, com estrutura de um movimento social, ao mesmo tempo em que consegue viver ao sabor de alguns acontecimentos, “flutuando ativamente” por entre os assuntos do cotidiano. Comporta, por esta razão, uma

⁵ -SODRÉ, Muniz. Antropológica do Espelho, Petrópolis, Vozes, 1999.

forma de movimento que poderia ser definido pelo que o sociólogo François Bourricaud⁶ nomeia como sendo “minorias passionais”. Segundo o autor, estas são minorias capazes de comprometer a governabilidade democrática e sua presença caracteriza definitivamente o perfil dos movimentos atuais no momento em que vigora a “era das turbulências”.

As “minorias passionais” possuem uma estrutura diferente dos grupos de interesse e dos movimentos sociais e podem alcançar um formato radical, adotando posturas violentas e marcadamente terroristas. Entretanto, na maioria das vezes, a expressão de suas radicalizações não ultrapassa o ambiente retórico, e as explosões verbais se expressam apenas no ambiente discursivo e de espetacularização midiática. A existência dessa forma de ativismo social torna-se mais freqüente na medida em que se conjuga na atualidade com a hipótese da democracia eletrônica, que adviria da mudança nas práticas democráticas a partir do advento das novas tecnologias. Foi isto, na época, o que me pareceu mais preciso para definir um grande espectro de movimentos sociais minoritários: o conceito das “minorias flutuantes”.

Por outro lado, é importante considerar ainda que existem atualmente diversos autores que acreditam numa nova forma de exercício da cidadania, limitada pela desigualdade de acesso informacional, pelo poder do Estado e pela vigilância eletrônica das corporações. A nova relação do capital social que emerge dos níveis de deliberação das redes nas práticas concretas dos cidadãos estabelece uma relação mais rica do que o desenvolvimento do processo eleitoral e dos meios de comunicação de massa. Supõe-se ainda que estas novas redes de capital social respondam pela criação de novos espaços públicos para onde ou se deslocaria a cena política ou, quando nada, representariam mais um lugar a ser ocupado em direção à visibilidade social

É possível detectar movimentos e partidos políticos que se utilizam cada vez mais dos veículos de comunicação. Entretanto, existe uma grande e profunda distância entre fazer uso dos veículos e tornar-se verdadeiramente um movimento ou “partido político midiático”. Para tanto, seria necessária a adoção de uma postura para além da utilização correta e adequada do conjunto de signos próprios da linguagem midiática. Transforma-se, assim, em movimento midiático, numa minoria flutuante, adequada aos

⁶ - BOURRICAUD, François. *A crítica da governabilidade democrática*. In: Cultura e governabilidade democráticas – América Latina no limiar do Terceiro Milênio. N.106/107. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1991, p. 33.

novo tempos “midiológicos” e requer a adoção de uma postura em que estética, espetáculo, telepresença e aparência atuariam como forças em determinados momentos, muito mais ativas do que os pressupostos básicos que mantêm a existência e o vigor do ativismo político no sentido tradicional do termo, de luta pela hegemonia.

Há cinco anos, quando nomeei a categoria das minorias flutuantes, pincei dois movimentos que me pareceram norteadores. O primeiro era o aparecimento midiático de um grupo *punk* e o segundo, algumas ações ecológicas. Mas agora, na medida em que pretendo checar a pertinência da categoria e olhando para todo o escopo dos trabalhos apresentados, tento, a partir da análise dos textos apresentados, comprovar a minha hipótese. É o caso do trabalho “Parintins para o mundo ver: estratégias do discurso da televisão sobre amazonidade” (2001), de Keyla Negrão, pelo PPGCOM da Universidade do Vale do Rio dos Sinos: na verdade, o texto trata especificamente de uma questão identitária, mas a partir da exposição televisiva e da criação de todo um aparato de mídia, necessário para revitalização e divulgação da quotidianidade de uma população específica.

Mas temos ainda o trabalho “Cultura e identidade gay: a diferença do múltiplo”, de Gisele Marchiori Nussbaumer, da UFSM/UFBA, que trata especificamente de uma temática inserida na categoria da minoria flutuantes, com abordagem centrada no fato de que, na década de 90, assistiu-se a Paradas do Orgulho Gay, com milhares de pessoas nas ruas das principais metrópoles mundiais, possibilitando o surgimento de uma nova cultura e um movimento gay de visibilidade. Ou ainda o trabalho “O Recife pós-moderno: a estetização da periferia” de Sofia Zanforlin e Ângela Prysthon, do PPGCOM, da UFPE, que tratava dos filmes Q rap do pequeno príncipe contra as almas sebosas (2000) e Conceição (1999) e pretendiam investigar como a cidade do Recife e sua periferia estavam sendo representadas pelo cinema local. As autoras pretendiam demonstrar como a cultura contemporânea se apropriava da linguagem e estética das periferias das cidades.

Em 2002, no congresso da Intercom sediado na Bahia, tivemos alguns trabalhos cuja temática também referendam este viés da estreita relação entre mídia e minoria. Dentre eles podemos destacar: “As mãos negras na contra mão do vinil: o funk e o hip hop como formas de expressão e comunicação na educação para jovens”, de Guilver Star Araújo, “Mídia e etnia: a visibilidade dos grupos étnicos na televisão sul-matogrossense”, de

Gladis Linhares. ``Conquistando a cidadania através do ciberespaço: o movimento de mulheres negras e as novas tecnologias da comunicação e da informação``, de Eliane Borges e Maria de Fátima Barbosa. ``Nordeste é outro business. A relação migrante nordestino e lógica imperial no documentário Passageiros``, de Mariana Baltar. ``Entre a cidade, o rio e a floresta: reflexão sobre a mídiatização das identidades locais no cinema paraense``, de Keyla Negrão. ``Web-terreiros d'almém-mar, macumba out Brasil: ciberinformatização e transnacionalização das religiões afro-brasileiras``, de Ricardo de Oliveira Freitas. E ainda ``Negociações na periferia: mídia e jovens no Recife`` de Ângela Pryston e Gustavo Souza.

Finalmente, no congresso de 2003, um dos textos propostos trazia um viés propositivo: Alexandre Barbalho, com seu texto intitulado `` O jogo das diferenças: refluxos midiáticos e afluxos biopolíticos`` propunha uma práxis para os grupos minoritários no contexto midiático. O seu resumo partia inicialmente de uma discussão teórica sobre a diferença a partir dos pensadores franceses Gabriel Tarde e Jacques Derrida. Entretanto, já na segunda parte, além de interpretar o processo de homogeneização midiática e suas conseqüências para o processo de diferenciação, trazia finalmente como proposta a biopolítica como uma alternativa possível para as ações afirmativas das diferenças.

Ainda no que se refere ao componente comprobatório da hipótese central nesse ano, dentre os trabalhos, estava o `` Jovens em transe: grupos urbanos juvenis da contemporaneidade, conceitos e o "underground"`,de Feitosa, R., da UFBA. Também ``Arrastão mediático e racismo no Rio de Janeiro`` Francisco, Dalmir, da UFMG. E alguns trabalhos que traziam a temática da juventude, música e hip hop com a interface da mídia e do ambiente midiático, dentre eles`` O hip-hop e a mídia no cenário urbano``, de Gorczewski, da Unisinos. Ou ainda `` Mídia, Cultura Juvenil e Rock and Roll: comunidades, tribos e grupamentos urbanos``de Jeder Janotti, da UFBA. Ou mais pontuais como o `` Jornalismo migrante: A função da imprensa brasileira nos EUA``, de Rabelo, da UFMG.

Em 2004, no congresso realizado em Porto Alegre, pode-se citar dentre os trabalhos apresentados um que se destaca em termos do esforço metodológico, intitulado ``A dispersão na semiótica das minorias`` de *Alexandre Rocha da Silva (Unisinos)*, que se

dedicava ao estudo das semioses elaboradas pelas minorias como atos de comunicação. O argumento central para o autor é de que a primazia dos processos de comunicação sobre os sistemas de significação, desloca o foco das teorias dos códigos para as teorias da produção sógnica. E objetivamente ele propõe que esta opção de análise seja capaz de tematizar o estudo das minorias. Ou ainda o trabalho “Da ‘Cultura Feminina’ de Simmel aos weblogs: mulheres na Internet”, de Adriana Andrade Braga (Unisinos), que tratava de algumas práticas comunicacionais estabelecidas por mulheres na ambiência proporcionada pela Internet – especificamente, as interações registradas em texto entre um grupo de mães jovens, que tematizam a maternidade em suas trocas. Na mesma linha, pode-se mencionar o trabalho “E-jovens: potencialidades da escrita de si” de Gisele Marchiori Nussbaumer (UFBA).

Entretanto, é preciso registrar que algumas vezes essas minorias flutuantes transmutam-se em movimentos bastante atuantes e capazes de mexerem efetivamente com a lógica dominante, ou pelo menos promover revisões em códigos jurídicos. O fato de serem flutuantes não significa de forma alguma que sejam inconsistentes ou ainda que não possam vir a ter uma presença efetiva como força contra-hegemônica.

Com a finalidade de concluir este primeiro levantamento-relatório sobre o estudo do tema, é preciso enfatizar que a grande maioria dos trabalhos traz um viés em que fica demarcada a preocupação de registro, interpretação e entendimento (algumas vezes bastante participativo e integrado) com os grupos minoritários, como é o caso do trabalho desenvolvido por Márcia Rodrigues Aquino, que no Congresso de 2004 trouxe o texto “Kusiwa: O corpo como mídia da vaidade, memória e resistência cultural Wajãpi”. Já no seu resumo apresentava: “A etnia Wajãpi é parte dessa parcela. Um povo que gosta de se pintar para se proteger, “para ficar mais bonito” e realizar conquistas amorosas e também para contar sua história – sua memória. A Kusiwa, forma de expressão gráfica e corporal dessa etnia, é o foco de um trabalho de pesquisa, em andamento”. O texto a seguir conta um pouco da marca Kusiwa, levantando hipóteses que conduzem ao seguinte entendimento: a Kusiwa nos corpos desse grupo minoritário, falando da memória de seu povo, é resistência cultural contra a hegemonia do não índio, além de ser mídia corporal – um fenômeno da modernidade naturalizado desde sempre entre os indígenas.”

Finalmente, é necessário pontuar que a conceituação de minorias é marcadamente influenciada pela sua ação. Isto porque, se muitos movimentos vivem hoje apenas do ato efêmero, do evento, da breve aparição com registro midiático, a pregnância discursiva dos movimentos contra-hegemônicos não deve, por outro lado, ser desvalorizada. Já que tudo se transforma aparição, o empenho deve orientar-se pela promoção de discursos transitivos — ou seja, a utilização adequada e criativa dos meios de comunicação. E o NP Comunicação e cultura de Minorias definitivamente tem conseguido acompanhar de perto estas discussões lado a lado com a expressão de força e vitalidade dos grupos não hegemônicos na atual sociedade.

Bibliografia:

1. RORTY, Richard. Contingência, Ironia e Solidariedade, trad. Nuno Ferreira da Fonseca, Lisboa, Ed. Presença, 1989.
2. IANNI, Octavio. O príncipe eletrônico, Primeira Versão, Ed. Unicamp, São Paulo, 1998.
3. GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Trad. Nelson Coutinho, Ed. Círculo do Livro, São Paulo, 1982.
4. ION, Jacques. La fin des militants? Paris, Editions Ouvrieres, 1997.
5. GRUPPI, Luciano. O conceito de hegemonia em Gramsci. Graal, Rio de Janeiro, 1978, 143 p.
6. PAIVA, Raquel. O espírito Comum : mídia, globalismo e comunidade. Rio de Janeiro, 2002, Mauad.

7. SODRÉ, Muniz . Antropológica do Espelho – uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, Ed. Vozes, 1999.